

A solid red vertical bar runs along the left edge of the page.

Um dia triste

Era uma segunda-feira, e eu acabei chegando mais tarde no trabalho. Tive que levar meu menino no hospital e me atrasei umas duas horas. Quando desci do ônibus percebi que havia muita gente em volta da obra. Tinha até corpo de bombeiros! Me aproximei de uma roda de gente e vi o Tadeu. Ele estava deitado no chão sem se mexer. Meu Deus!! O Tadeu caiu do andaime! Pensei. Conversei com os colegas que estavam em volta dele, e foi isso mesmo. Ele se desequilibrou e caiu lá de cima. Dava mais de 5 metros de altura! Lembrei que no refeitório a gente tinha conversado sobre o uso dos equipamentos de segurança. O Tadeu falou que não gostava de usar o cinto de segurança. Ele não gostava de se sentir preso. Quando a ambulância chegou e o Tadeu foi levado, todo mundo ficou muito triste, pois a gente não sabia se ele iria ficar bem ou não.

A- Converse com os seus colegas sobre:

1- Como podemos convencer nossos colegas a usarem os equipamentos de segurança.

2- Os nossos equipamentos de segurança estão em boas condições? 3- Há equipamentos mais

importantes do que outros? B- Discuta com os seus colegas sobre as seguintes frases do texto sobre o acidente com o Tadeu. 1- Na frase "...tinha até corpo de bombeiros..." é possível escrever "Havia até corpo de bombeiros"? Quando é que usamos o verbo ter (tinha) e o verbo haver (havia)?

3- O corpo de bombeiros também oferece o serviço de ambulância?

4- Quando acontece um acidente, quem devemos chamar? O que a gente pode fazer com o acidentado enquanto o socorro não chega?

4- Na oração: "Me achequei perto de uma roda de gente e vi o Tadeu." A palavra "achequei" pode ser substituída sem mudar o sentido da oração?

5- Qual palavra você escolheria para ser usada no lugar de "achequei"?

6- Na oração "Dava mais de 5 metros de altura!" é a mesma coisa se escrever que o Tadeu caiu de uma

altura de mais de 5 metros.

## O FILHO DO BOTO

7- Por que quando conversamos a gente usa uma linguagem diferente da linguagem escrita? Qual é a vida nunca foi fácil naquele canavial. A linguagem correta?

Principalmente se você fosse boia-fria e o dinheiro da farinha só fosse mais ou menos garantido na época do plantio e da colheita. Aquele terreno íngreme do Brejo paraibano não favorecia a mecanização e, pelo menos em alguns meses do ano havia emprego garantido. O mais estranho, no entanto, é que quem mais reclamava da vida era o dono da usina que moía a cana para a produção de aguardente e do açúcar para regular a glicose dos incautos que bebiam um pouco ou muito mais. Jonas era um desses viventes dessas cercanias que viviam do trabalho temporário na lida de plantar e colher a cana alheia. Não bebia e talvez por isso o açúcar que usava era só para quebra o amargor do café ou do suco de tamarindo. No mais um naco de rapadura ou um doce de jaca, quando era época da fruta. Para ele a vida já era doce demais com sua mulher Carminha e a sua filha Dorinha, sua princesinha amorenada. Apesar dos sinais de mulher há tempo já tivessem aparecido nela, a tratava como criança. Dos bens materiais que podia lhe dar, dava-lhe tudo, do carinho e do amor, tudo isso e muito mais.

O dono da usina, homem dado a experimentar dos produtos das suas safras, no entanto, já havia percebido as transformações da menina e não parava de rodeá-la com mimos e gentilezas. Jonas só percebeu outras transformações. É que desde uma visita a sua avó, caminho que passava em um canavial perto da sede do engenho, Dorinha, outrora feliz e faladora, tinha se aquietado, andando feito sombra no cantos da casinha de pau à pique onde moravam. Mas foi quando seu vestido encurtou e a barriga mostrou os primeiros arredondamentos que Jonas se atinou para os acontecimentos. Carminha se assustou quando ele pegou a velha garrucha que guardava no baú e o facão afiado que usava na colheita. Pegou no seu braço e implorou: - Onde tu vai homem de Deus? - Me solta, mulher, que boto não passeia em canavial...